

MODOS DE VIDA NOS CERRADOS DO BRASIL: expressões no turismo rural e músicas caipiras

¹ Maria Aparecida de Souza;
² Edevaldo Aparecido Souza;
³ Jean Carlos Vieira Santos.

Resumo

Este texto discute a relação do turismo rural com a organização camponesa no espaço rural do Cerrado, onde é possível encontrar diversas formas das populações tradicionais se apresentarem enquanto sujeito que expressam processos envolvendo sistemas produtivos e modos de vida. As mudanças na paisagem natural e cultural promovidas pelo capital e pelo Estado, pela modernização da agricultura e atualmente com o avanço tecnológico nas grandes lavouras de cana-de-açúcar, promovem mudanças substanciais nas formas e relações de produção e novas resignificações das formas existentes, contudo, há práticas residuais no espaço rural. O turismo rural e as músicas caipiras, revalorizam e resignificam as relações, os usos e costumes tradicionais, ou seja, o modo de ver, morar, pensar e conceber o Cerrado, deixam marcas no imaginário dos sujeitos e, seguramente trata-se de uma visão fundamentada em saberes que se objetivavam no vivido. O turismo rural é uma atividade complexa e abrangente que não está ligada apenas com as técnicas, elementos econômico, cultural e histórico que caracterizam o meio rural, mas está intimamente relacionado com os modos de vida e saber fazer das comunidades tradicionais. A relação da população rural, mas também urbana, com músicas “sertanejo raiz” que carinhosamente será tratada neste artigo, como “música caipira”, coloca-nos diante de uma releitura dos modos de vida camponeses que, apesar de passar por resignificações, ainda é muito presente em uma parcela considerável da população. Fora dos núcleos urbanos, o turismo é um sinal de que os modos de vida e práticas rurais passaram a constituir-se, definitivamente, em objeto de desejo e singularidades do meio no mundo moderno.

Palavras-Chave: Turismo Rural; Modos de Vida, Música Caipira, Cerrado.

Abstract

This text discuss the relationship of country tourism with the peasant's organization in the country space of Cerrado where it's possible to find several traditional populations present themselves as subject that express involving productive systems and ways of life. The changes in the natural and cultural view promoted by economy and State, by the agriculture modernization and nowadays with the technology advance in the great sugar cane husbandry, cause important changes in the ways and relationship of production and new remeanings of existent ways, however there are residual practices in the country space. The country tourism and music revalue and remean the relationships, the uses and traditional habits, in other words, the way of see, live, think and conceive the Cerrado, let signs on people's mind, and certainly it's a vision based on thoughts that aimed in what lived. The country tourism is a complex and broad activity that isn't linked just with technics or economical cultural and

¹ Mestre em Geografia. Professora do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Goiás. mariamia.souza8@gmail.com

² Doutorando pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (IGUFU) – Minas Gerais – Brasil; sob orientação do Prof. Dr. Rosselvelt José Santos e professor do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Goiás – UEG. edevaldoueg@yahoo.com.br

³ Doutorando pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (IGUFU) – Minas Gerais – Brasil; sob orientação do Prof. Dr. Rosselvelt José Santos; Estágio PDEE Universidade do Algarve/Portugal - Bolsista Capes. Professor do Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Goiás – UEG. svcjean@yahoo.com.br

historical elements that characterize the country space but it's directly linked with the ways of life and know how to do of traditional communities. The relationship of country population but also urban with traditional songs, that will be called in this text as "yokel music" affectionately, let us in front of a re-reading of the ways of peasant's life, even they passed buy remeanings, it's very current in a considerable part of population yet. Always off urban groups, the tourism is a sign of the ways of life and country habits constitute themselves in object of wish and particularities among modern world definitively.

Key Words: country tourism; ways of life, country music, Cerrado.

1. Introdução

Este artigo é parte das pesquisas desenvolvidas pelo "Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Goiás – Unidade Universitária de Quirinópolis" e tem como objetivo discutir as tradições rurais regionais e divulgar as investigações nas áreas da Geografia Agrária e Geografia do Turismo. O objeto de estudo compreende a Microrregião Quirinópolis (Mapa 01) no interior do Estado de Goiás - Brasil. Região essa com predominância da Vegetação de Cerrado (Savana) e formada pelos seguintes municípios: Quirinópolis, Gouvelândia, Cachoeira Alta, Caçu, Itarumã, Paranaiguara, Itajá, São Simão e Lagoa Santa.

No espaço rural do Cerrado, é possível encontrar diversas formas das populações tradicionais se apresentarem enquanto sujeito que expressam processos envolvendo sistemas produtivos e modos de vida, mesmo que estejam sendo capturados pela produção dominante. As mudanças na paisagem natural e cultural promovidas pelo capital e pelo Estado, no primeiro período pela modernização da agricultura, sobretudo com a soja e o milho, e atualmente com o avanço tecnológico e com as grandes lavouras de cana-de-açúcar, promovem mudanças substanciais nas formas e relações de produção e novas resignificações das formas existentes, contudo, há práticas residuais no espaço rural: como no caso do turismo rural e das músicas caipiras, que revalorizam e resignificam as relações, os usos e costumes tradicionais, que também deixam marcas no imaginário dos sujeitos. Na literatura de Cavaco (2000, p.69) ela destaca que no mundo ocidental:

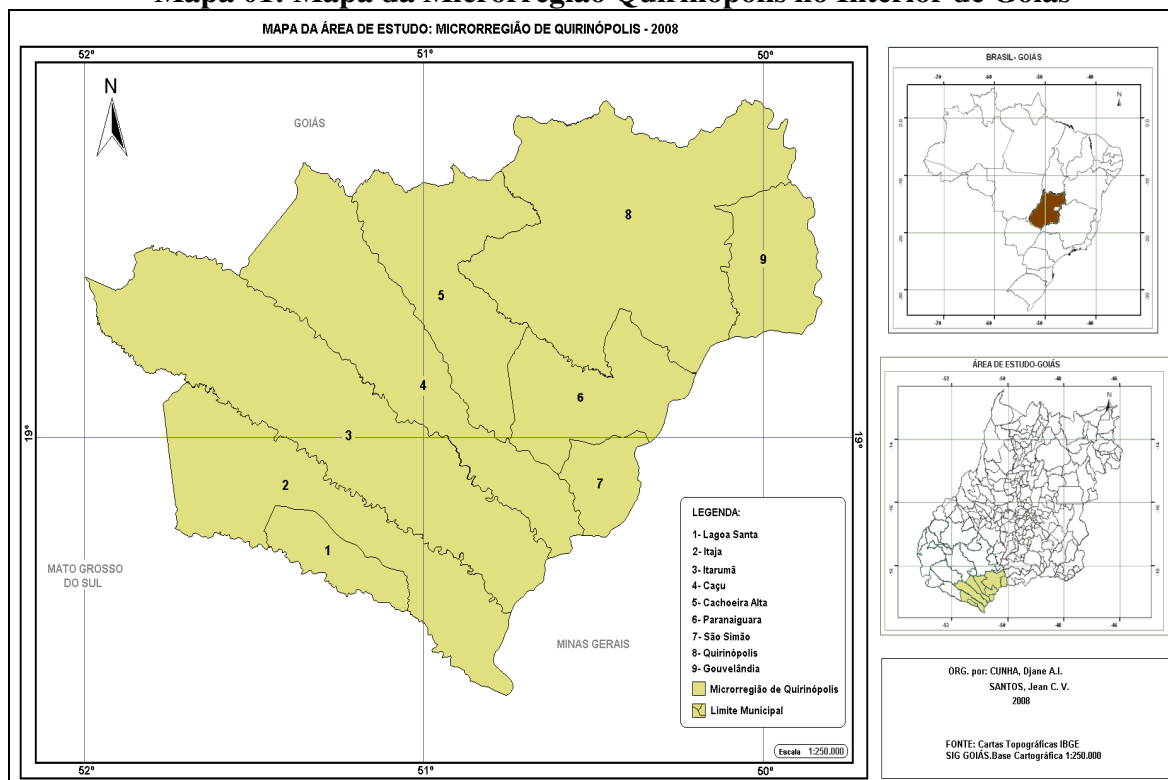
[...] especificamente em Portugal, muito do espaço rural está em crise, em particular nas áreas naturalmente menos dotadas para a agricultura convencional e pior situadas em termos de acessibilidade, relativo a regiões urbanas e mercados dinâmicos (CAVACO, 2000, p.69).

Essa situação não é diferente no interior do Brasil e, ao valorizar o meio rural, a partir de suas seduções como opção de desenvolvimento local e regional, tem que se considerar a importância e o significado das tradições locais, tornando este um elemento de valor

econômico-social-ambiental, que passará a servir às necessidades humanas do campo. Desse modo, ocorrerá a valorização das concreticidades do espaço envolvendo não só elementos e patrimônios materiais como também os imateriais.

A produção, realizada em pequena escala, e o modo de vida impresso nessas paisagens, está relacionado ao modo de ver, morar, pensar e conceber o Cerrado e, seguramente trata-se de uma visão fundamentada em saberes que se objetivavam no vivido. O turismo rural é uma atividade complexa e abrangente que não está ligada apenas com as técnicas, elementos econômico, cultural e histórico que caracterizam o meio rural, mas está intimamente relacionado com os modos de vida e saber fazer das comunidades tradicionais. As suas seduções também estão vinculadas com as belezas natural e cultural do rural, que passam a ser cobiçadas, capturadas e inseridas numa perspectiva de desenvolvimento econômico.

Mapa 01: Mapa da Microrregião Quirinópolis no Interior de Goiás



Organização: Jean Carlos Vieira Santos e Djane Cunha, 2008. Mapa extraído da pesquisa de doutorado “POLÍTICAS PÚBLICAS DE REGIONALIZAÇÃO E INTERIORIZAÇÃO DO TURISMO: as diferentes lógicas sociais de reprodução turística no baixo Paranaíba em Goiás”.

Apesar de o turismo ocorrer em função das atrações e seduções de diversas paisagens no meio rural, ainda restritas são as discussões sobre a temática no Brasil. Em alguns Estados do país, crescem a demanda pelo meio rural e propriedades que oferecem infra-estruturas de qualidade sócio-ambiental-cultural para receberem visitantes. Ocorrendo a valorização da cultura caipira, que tem uma relação específica com a natureza e com as práticas tradicionais na

reprodução do seu modo de vida, podendo ser compreendido dentro dos mosaicos formados pela diversidade agrícola de subsistência presentes no lugar. Pode ser sentido nas paisagens e cores as composições que expressam o vivido no espaço rural e também uma diversidade cultural das humanidades ali existentes.

O turismo introduz, nos espaços rurais, objetos definidos pela possibilidade de permitir o desenvolvimento da atividade, conferindo-lhe um novo significado, para atender a uma nova demanda de uso. O turismo, fora dos núcleos urbanos, é um sinal de que os modos de vida e práticas rurais passaram a constituir-se, definitivamente, em objeto de desejo e singularidades do meio no mundo moderno.

A relação da população rural, mas também urbana, com a música “sertanejo raíz” que carinhosamente será tratada neste artigo, como “música caipira”, coloca-nos diante de uma releitura dos modos de vida camponesa que, apesar de passar por resignificações, ainda é muito presente em uma parcela considerável da população, inclusive urbana. Ao apresentar a realidade agrária contemporânea no Brasil, há um consenso geral de que a agricultura tradicional (camponesa) está extinta ou praticamente extinta e que a produção monocultora e tecnológica, tanto em grandes e médias, como em pequenas propriedades é a única agricultura possível nesse século.

Esse trabalho tem a finalidade, dentre outras, de mostrar que há uma inverdade nesta afirmação, haja vista que muitas famílias agricultoras, neste país, ainda prezam pelo modo de produção de subsistência e pelo modo de vida simples, em contato com a natureza (meio ambiente). Nesse sentido a música “Encantos da Natureza” de Tião Carreiro e Luiz de Castro corrobora essa idéia e faz-nos um convite para conhecermos mais de perto as experiências dos camponeses que, carinhosamente, também serão tratados de caipiras. “Tu que não tivesses a felicidade, deixa a cidade e vem conhecer, meu sertão querido, meu reino encantado [...]”.

É necessário estabelecer o respeito e a aceitação das formas de vida de cada um. “Cada um de nós compõe a sua história, cada ser em si carrega o dom de ser capaz e ser feliz” (“Tocando em Frente” de Almir Sater e Renato Teixeira). É necessário buscar, na essência do modo de vida do camponês, de vida econômica, de produção e de cultura, as explicações para que tenha uma vida tranqüila, de prazer, em contemplação ao ambiente e ao resultado de seu trabalho, com o lazer, as festas, dentre outras. É necessário, enfim, estabelecer uma relação entre a necessidade de produção tecnológica moderna e a importância dos modos de vida tradicionais, baseados na produção de subsistência e na produção de valores culturais, muito caro à Sociedade Cerradeira.

Passo importante na execução da proposta de pesquisa aqui apresentada, foram os trabalhos de campo, ou seja, a etapa onde ocorreu a presença do pesquisador nos “espaços vividos” da Microrregião Quirinópolis. Muitos desses campos, com a presença de acadêmicos, como aula-campo das disciplinas Geografia Agrária e Geografia do Turismo. A visita ao campo foi significativa para a percepção e compreensão de como as tradições rurais ainda estão presente no contexto regional, e foram por meio dessas inserções que se visualizaram as potencialidades dos lugares e do modo de vida rural, para assim compreender como as diversidades, habilidades e práticas no interior do Brasil, mexem na perspectiva da população que vive no campo. Para Santos (1999, p.117):

[...] o trabalho de campo, vai além da coleta de dados para o desenvolvimento de uma pesquisa comprometida com a realidade das populações, visto que será também um esforço acurado do pesquisador em lapidar esse diamante, que é a memória das populações em relação ao vivido. Esses procedimentos exigirão dos pesquisadores um respeito radical pelos modos de sentir, pensar e agir e reagir do outro (SANTOS, 1999:117).

A literatura citada dá outras contribuições para as incursões ao campo, destacando-se que, a partir da memória e do gênero de vida das populações pesquisadas, pode-se extrair e lapidar os elementos que permitam compreender com profundidade os sentimentos e as experiências que tornaram possível a vida das pessoas no lugar.

2. Turismo Rural e Música Caipira: duas atividades mercadológicas e a (re)valorização dos modos de vida no campo

Na perspectiva das músicas caipiras e das tradições rurais, o conceito “Turismo” da forma como é proposto pode apresentar para a Microrregião Quirinópolis (GO), referenciais importantes para compreendermos como as diferentes práticas sociais poderão estar vinculadas e ainda permanecem como fonte de desenvolvimento do turismo rural, mesmo não fazendo parte de programas e políticas públicas turísticas (Foto 01) destinadas para o interior do Brasil.

Atualmente fica explícita a importância do turismo para as sociedades contemporâneas, pois nos últimos anos esse setor econômico, chamado de “Indústria do Turismo”, é um dos que mais cresce no mundo moderno (Foto 02), principalmente quando se fala em geração de empregos e outras atividades econômicas que ele abrange, como: os meios de transportes, hospedagens, agenciamentos de viagens, práticas de recreação, lazer e outros segmentos diretos e indiretos. Esses fatores fizeram com que muitos estudiosos, de diversos segmentos e de várias áreas do saber, buscassem um melhor conhecimento sobre o assunto, e para Marra (2001, p.57):

Não é fácil abrir a cabeça de uma comunidade para o turismo. Temos dezenas de produtos turísticos tratados com descaso e má vontade. Os prefeitos e vereadores

ainda consideram que fábricas são sinônimos de empregos e progresso, mesmo trazendo poluição, resíduos tóxicos e contaminação dos rios. Não raciocinam que o turismo é capaz de produzir muito mais riquezas (MARRA, 2001, p.57).



Foto 01: Salão do Turismo em São Paulo, evento de promoção das políticas públicas de turismo e dos novos destinos no interior e litoral do país. Jean Carlos Vieira Santos, 2008.



Foto 02: Sinalização Turística do Interior de Portugal, onde as políticas públicas de turismo estão mais adiantadas quando comparado com a realidade brasileira. Jean Carlos Vieira Santos, 2008.

O propósito deste é também chamar atenção e “abrir a cabeça” dos governantes e comunidades goianas para o desenvolvimento do turismo rural, e compreender como este poderá chegar até as pessoas, aos diferentes lugares e paisagens da Microrregião Quirinópolis. Porém, faz-se necessário conhecer alguns conceitos de turismo no espaço rural. O turismo rural é uma atividade complexa e abrangente que não está ligada apenas com as técnicas, elementos econômico, cultural e histórico que caracterizam o meio rural, mas está intimamente relacionado

com os modos de vida e saber fazer das comunidades tradicionais. As suas seduções também estão vinculadas com as belezas naturais e culturais do rural, que passam a ser cobiçadas, capturadas e inseridas numa perspectiva de desenvolvimento econômico. Esse turismo é resultado da deslocação temporária de pessoas para lugares situados fora do seu ambiente habitual, com objetivos:

[...] diferentes de obter uma remuneração, e de todas as atividades que aí desenvolvem e experiências que obtêm. O turismo abrange todas as deslocações de pessoas, quaisquer que sejam as suas motivações, que de origem a consumos, durante a sua deslocação e permanência temporária fora do ambiente habitual, de valor superior ao rendimento que, eventualmente, auferam em locais visitados. O turismo é uma transferência espacial do poder de compra originada pela deslocação de pessoas: os rendimentos obtidos nas áreas de residência são transferidos pelas pessoas que se deslocam para outros locais aonde procedem à aquisição de bens e serviços (CUNHA, 2006, P.21).

Apesar de o turismo ocorrer em função das atrações e seduções de diversas paisagens no meio rural, ainda restritas são as discussões sobre a temática no Brasil, e de acordo com Yázigi (2002, p.12), sem suficiente clareza quanto ao tratamento da paisagem perante o turismo, as políticas desse setor podem escorregar e provocar fraturas de difícil recuperação – o que acontece, aliás, por quase todas as partes. No seu texto, Yázigi (2002, p.18) destaca que:

[...] didaticamente na paisagem não é preciso explicá-la ao turista, e muito menos se consegue escondê-la. Ele vê a miséria por todos os lados, pois ela cheira até nos lugares mais requintados. Pior ainda: cada nova frente de turismo baseada nos recursos naturais provoca um tremendo rush de serviços e comerciantes que se instalam no lugar, criando uma urbanização de baixíssima qualidade (YAZIGI, 2002, p.18).

Nessa perspectiva, crescem a demanda pelo meio rural e propriedades que oferecem infra-estruturas de qualidade sócio-ambiental-cultural para receberem visitantes. Ocorrendo a valorização da cultura caipira, que tem uma relação específica com a natureza e com as práticas tradicionais na reprodução do seu modo de vida, podendo ser compreendido dentro dos mosaicos formados pela diversidade agrícola de subsistência presentes no lugar. Pode ser sentido nas paisagens e cores as composições que expressam o vivido no espaço rural e também uma diversidade cultural das humanidades ali existentes. Diegues (1998, p.14) retrata como vivem essas populações e qual sua relação com os recursos naturais:

Com isolamento relativo, essas populações desenvolveram modos de vida particulares que envolvem grande dependência dos ciclos naturais, conhecimento profundo dos ciclos biológicos e dos recursos naturais, tecnologias patrimoniais, simbologias, mitos e até uma linguagem específica, como sotaques e inúmeras palavras de origem indígena e negra. (DIEGUES, 1998, p.14)

O homem e a mulher caipiras designam a figura do matuto que extrai da terra tudo o que a vida lhes solicita, para sobreviver. Por vezes são discriminados, tidos como preguiçosos e atrasados, sem serem compreendidos pelos valores de simplicidade, de solidariedade e de respeito com todos os seres animais e vegetais. Basta deixarmos nos conduzir com as sábias

palavras poéticas de “Luar do Sertão” de Catullo da Paixão Cearense, para compreendermos a lógica desses matutos:

Há que saudade do luar da minha terra [...]. Este luar cá da cidade tão escuro, não tem aquela saudade do luar lá do sertão. Se a lua nasce por detrás da verde mata, mas parece um sol de prata, prateando a solidão. E a gente pega na viola que ponteia e a canção e a lua cheia a nos nascer do coração. (“Luar do Sertão”).

A certeza de que dariam tudo para voltar ao sertão não se reduz somente à vida, mas também é o desejo de muitos camponeses de estar no campo, na roça, na hora de sua morte: ““Há se eu morresse lá na serra, abraçado à minha terra e dormindo de uma vez”” (“Luar do sertão”). Entre os homens e mulheres do meio urbano, há os que desprezam, mas há os que reaprenderam a valorizar o meio rural, sobretudo os elementos ambientais e culturais. Por isso, ao pensarem em turismo, elegem paisagens naturais e culturais para o seu lazer/descanso, assim como muitos homens e mulheres urbanos têm incorporados em seus gostos musicais, o sertanejo raiz.

Para os camponeses, a vida não se constrói do que se acumula materialmente para o futuro, pois estes não têm ambição, viver para eles tem o significado de apreciar cada momento. É como se canta em “Tocando em Frente”: ““Penso que cumprir a vida seja simplesmente compreender a marcha, ir tocando em frente, como um velho boiadeiro levando a boiada eu vou tocando os dias, pela longa estrada eu vou””.

Para Rodrigues (2000, p.112), ““percebe-se que esse movimento de vivenciar a natureza no meio rural possui relação com a busca individual do autêntico, da paz, do equilíbrio pessoal””. Nesse contexto, segundo Diegues (1998, p.24), ““A vida no campo passou a ser idealizada, sobretudo pelas classes sociais não diretamente envolvidas na produção agrícola””. A venda do produto turístico rural e/ou natural é baseada nesse encontro que as populações urbanas podem ter com meio natural. Ruschmann (2000, p.76) coloca a questão da seguinte maneira:

Concretamente, lugares, pessoas, cultivos e culturas são considerados produtos e, assim, signos para uma efetiva comunicação. Dessa forma, o marketing ou essas redes de informação e de circulação possuem a capacidade de atrair um número crescente de consumidores e de inseri-los num circuito de oferta e consumo característicos do turismo de massa contemporâneo. (RUSCHMANN, 2000, p.76)

O turismo, na paisagem rural/cultural pode ser uma boa opção, pois além de proporcionar ao turista um contato com o espaço vivido diferente do seu cotidiano, proporciona também ao empresário rural uma nova alternativa de renda. O turismo rural é um conjunto de atividades turísticas praticadas no campo, comprometidas com o resgate do patrimônio cultural material-imaterial e natural da comunidade. Na literatura de Cruz (2003, p.20) ao apropriar-se do meio rural, tais como de meios urbanos o turismo impõe sua lógica de uso desses espaços, onde:

A casa da Fazenda pode transformar-se em hospedaria/refeitório; a estrada de terra pode ser pavimentada, como forma de atrair maiores fluxos; áreas de cultivo antes destinadas apenas à produção podem transformar-se em espaço para a atividade eventual de turistas que desejam participar, de forma ativa, da vida local (CRUZ, 2003, p.20).

A atividade turística deve ser implantada como complementação às atividades já desenvolvidas na propriedade rural, fazendo com que os modos de vida no campo sejam atrativos para os turistas.

3. Modo de vida e músicas caipiras no contexto do turismo rural

O termo caipira, de acordo com Dias e Sobarzo (2002, p. 41), deveria referir-se a um determinado modo de vida, um modo de ser, de uma população tradicional. No entanto, “esse modo de ser caipira carrega um estereótipo negativo que teve em Jeca Tatu de Monteiro Lobato sua maior descrição”. Para Mendonça e Mesquita (2008), a “síndrome do ‘Jeca Tatu’ redundou em um preconceito acadêmico de natureza política”. Dias e Sobarzo (2002), apoiando-se em Martins (1975, p. 26), sinalizam que “o homem rural é visto indiferentemente [*sic*] como ignorante, magro, preguiçoso e rotineiro. (...) Virtudes contrárias atribuídas ao homem da cidade”.

No contexto da Geografia Agrária, a teoria do campesinato se torna indispensável para as discussões acerca dessa temática. Trata-se do campesinato enquanto modo de produção não-capitalista. De acordo com Abramovay (1998) ancorado em Lênin (1899/1969) e Kautsky (1899/1980), a partir da introdução do modo de produção capitalista, o campesinato estava fadado à extinção. O primeiro autor defende a teoria pela diferenciação social dos produtores e o desenvolvimento do capitalismo no campo, e o segundo pela incapacidade dos camponeses em resistir à concorrência das grandes empresas agrícolas.

Abramovay, mesmo corroborando as idéias desses autores, traz a contra-idéia citando Chayanov e Tepicht como defensores da tese de que o campesinato não se extinguirá, mesmo com o avanço do capitalismo no campo. “A economia camponesa pode ser objeto de um conhecimento racional e positivo” (ABRAMOVAY, 1998, p. 52). O primeiro apresentou a teoria do balanço entre trabalho e consumo e da identidade social do campesinato, o segundo desenvolveu a teoria das forças marginais ou não transferíveis dentro do modo de produção camponês. Ambos atribuem as transformações no campo como a “penetração do capitalismo no campo”, contudo, acreditam que o camponês apresenta sinais de resistências, o que Tepich procura comprovar com a tese de que o camponês é um elemento histórico, que passou por

variados sistemas de sociedade como o escravismo e o feudalismo, e não será o capitalismo que vai encerrar esse modo de vida e produção milenar (SOUZA, 2003).

É necessário buscar, na essência do modo de vida do camponês, de vida econômica, de produção e de cultura, as explicações para que tenha uma vida tranqüila, de prazer, em contemplação ao ambiente e ao resultado de seu trabalho, com o lazer, as festas, dentre outras. Aspectos esses que também são opostos aos afazeres do homem da cidade, por isso essa população busca paisagens rurais para fazer turismo, ou seja, uma fuga, temporária, da cultura urbana.

O turismo introduz, nos espaços rurais, objetos definidos pela possibilidade de permitir o desenvolvimento da atividade, conferindo-lhe um novo significado, para atender a nova demanda de uso. O turismo, fora dos núcleos urbanos, é um sinal de que os modos de vida e práticas rurais passaram a constituir-se, definitivamente, em objeto de desejo e singularidades do meio no mundo moderno. Rodrigues (2000, p.112) acredita que esse marketing turístico prega um:

[...] retorno a uma vida bucólica, que o processo avassalador de urbanização não tem condições de conservar. [...] Assim, a montanha, a natureza exuberante ou a “paisagem” natural converte-se em um cenário, onde os cidadãos buscam reencontrar valores eliminados da vida cotidiana pelo progresso. [...] Não restam dúvidas de que os turistas compram ilusões, ou o que imaginam que o lugar escolhido para passar as férias possa oferecer (RODRIGUES, 2000, p.112).

Uma busca da identidade perdida, que nem sempre é encontrada no consumo dos espaços urbanizados. O desenvolvimento do turismo rural deve seguir padrões diferenciados dos aplicados ao turismo de massas em praias do litoral brasileiro, onde os pequenos e médios proprietários terão que buscar a sustentabilidade do negócio e não somente o lucro e a depreciação do atrativo. De acordo com Novaes, o turismo, no espaço rural é um agente motivador do trabalho para as famílias residentes no campo:

Como forma alternativa de turismo, as propriedades rurais que possuem atividade produtiva podem oferecer não só diversos tipos de serviços turísticos, como hospedagem, alimentação e venda de produtos artesanais locais, mas também a oportunidade dos visitantes desfrutarem de trilhas e diferentes ambientes rurais, em contato com a natureza e costumes fora do ambiente urbano. (NOVAES, 1999, p.140).

Cantar é uma forma de reverenciar um modo de vida e cantar “Saudade de minha terra” de Goiás e Belmonte nos ajuda a entender que o sistema é diferente, ou seja, o modo de produção e de vida no campo é contraditório ao da cidade e só o entende quem o vivenciou. “”Aqui tem alguém, diz que me quer bem, mas não me convém eu tenho pensado: eu digo com pena, mas essa morena, não sabe o sistema que eu fui criado (...)””. Sistema esse que mesmo tendo experimentado a deslumbrante vida na cidade – no contexto do marketing das décadas de 1960-1970, quando da Revolução Verde e do intenso Êxodo Rural – os camponeses não hesitam em

afirmar: ““Eu não troco o meu ranchinho marradinho de cipó, pruma casa na cidade, nem que seja bangaló. Eu moro lá no deserto, sem vizinho eu vivo só, só me alegra quando pia lá praquele cafundó: é o inhambuchitão e o chororó”” (“Chitãozinho e Xororó” de Serrinha e Athos Campos).

Para o homem e a mulher do campo, não é necessário ter uma jornada exaustiva de trabalho. É uma cultura que valoriza momentos de lazer e descanso, valoriza a contemplação do meio em que vive. Não há a necessidade de excedentes e de acúmulo, apenas o necessário para sua sobrevivência. Portanto, não há necessidade de trabalhar oito horas por dia, nem mesmo todos os dias da semana, mas apenas o necessário para dar conta dos afazeres traçados para garantir a reprodução da família camponesa. Isso porque tudo o que precisa para viver, ou quase tudo, encontra-se em sua propriedade. Para eles, o momento do descanso na rede, da pesca, da visita aos vizinhos e compadres, da contemplação do meio em que vivem, faz parte da sua vida cotidiana, ou seja, os citadinos precisam se deslocar para fazer turismo, já os camponeses fazem seus momentos de lazer e descanso cotidianamente, em seu próprio ambiente.

Essa simplicidade é que garantia a não necessidade exaustiva da jornada de trabalho. ““Eu tinha dois bois carreiros, muito porco no chiqueiro e um cavalo bom arreado. (...) Na cidade eu só ia a cada 15 ou 20 dias pra vender queijo na feira, e numa tava folgado, todo dia era feriado, pescava a semana inteira”” (“Caboclo na Cidade” de Geraldo Viola e Dino Guedes). É bom lembrar que às vezes, quando ocorria algum problema na produção, era necessário trabalhar numa jornada mais intensa, para suprir as necessidades – a isso Chayanov atribuiu o conceito do equilíbrio econômico entre a penosidade do trabalho e a satisfação da demanda. Contudo, quando a produção era boa demais, dava até para partilhar com os vizinhos e ainda levar o excedente para vender na cidade próxima. Isso se dava em momentos raros, pois o caipira não tem ambição de acumulação de bens e dinheiro. Ele só quer garantir uma vida boa (DIAS e SOBARZO, 2002).

Cruz (2003) ao abordar o turismo rural, assinala a necessidade de infra-estrutura no ambiente rural, entretanto, lembrou apenas dos aspectos físicos, sendo que importantes também são os elementos culturais. O turista vai ao meio rural comprar paisagens e precisa encontrar facilidades, mas ele sairá muito mais satisfeito se no pacote turístico ele encontrar, além da paisagem rústica e gastronomia caipira, as festas sociais ou religiosas, as danças, a exposição do trato com a lavoura ou os animais e, uma boa moda de viola. Pensem: de tardezinha até altas da noite, rodas de viola encantando a noite com a melodia camponesa à luz do luar.

As rezas populares como o terço ou as festividades religiosas, promoção de fogueiras, danças de quadrilhas, pipoca, bolo, vinho, suco, muita alegria e reza como as tradicionais

festas de São João, Santo Antônio e São Pedro, são expressões da vida profissional, social e cultural ao mesmo tempo. Para os camponeses que produzem alimentos, a colheita é sinônima de festa, onde se celebra a fartura, a solidariedade e, sobretudo, a ajuda divina: ““A terra é mãe, isso não é segredo, o que se planta, esse chão nos dá. (...) Uma oração agradecendo a Deus. (...) Quando é chegado o tempo da colheita, quebra de milho em grande mutirão, a vida veste sua roupa nova pra ir no baile lá no casarão”” (“Quebra de milho” de Tom Andrade e Manuelito).

As músicas, para homens e mulheres que vivem e principalmente para os que já viveram no campo, são como fotografias que fazem lembrar o passado e brotar lágrimas dos olhos, que para muitos é tão belo e tão essencial quanto as águas que jorram nas fontes e faz brotar a semente morta.

Eu nasci num recanto feliz, bem distante da povoação, foi ali que vivi muitos anos, com papai, mamãe e os irmãos. (...) No quintal tinha um forno de lenha e um pomar onde as aves cantavam, um coberto pra guardar o pilão e as traias que o papai usava. (...) Hoje ali só existem três coisas, que o tempo ainda não deu fim, a tapera velha de desabada e a figueira acenando pra mim e por último marcou saudade, de um tempo bom que já se foi, esquecido embaixo da figueira, nosso velho carro de boi (“Meu Reino Encantado” de Valdemar Reis e Vicente F. Machado).

Os utensílios, as “traias”, a casa, enfim, todos os elementos de uma cultura tradicional são símbolos que o turismo pode e deve explorar, pois felizmente ficou na memória cultural do povo brasileiro, do qual a música tem uma contribuição incontestável. Não deixou a simbologia dos modos de vida tradicionais ser esquecida pelas gerações que as vivenciaram, assim como repassou a gerações futuras que não as conheceu de perto. Os símbolos da simplicidade da vida caipira representam ainda a amizade, a solidariedade e a partilha, prática cotidiana dessas famílias. São elementos constantes nas vidas de pessoas que não são ambiciosas e, portanto, não se rendem às mazelas do capitalismo.

No campo cada som é nota a compor singular melodia e lá a vida se tece ao passo que a terra é preparada, a semente regada e a colheita efetivada. A viola, neste sentido, é muito mais que um instrumento de entretenimento, é um apetrecho da lida que garante a continuidade da alegria, da saudade e da oração cantada pela vida recebida gratuitamente. ““Nesta viola eu canto e gemo de verdade, cada toada representa uma saudade”” (“Tristeza do Jeca” de Angelino de Oliveira); ““um violão simples e muito pequeno que em meio ao sereno nos dava alegria”” (“Tempo de Infância” de Daniel e Samuel).

O agradecimento é o trabalho que se resume em prece viva e muitas são as músicas caipiras que demonstram o trato e respeito do camponês com a natureza (meio ambiente) e, dentre tantas, destacam-se: ““vou mostrar os lindos rios de águas claras e as belezas raras do nosso luar. Quando a lua nasce por detrás da mata, fica cor de prata na imensidão”” (“Encantos

da Natureza”); ““aos domingos ia, passear de canoa, na linda lagoa de águas cristalinas”” (“Saudade de Minha Terra”); ““o rio pequeno, lá perto corria, quase todo dia eu nele pescava”” (“Tempo de Infância”); ““eu nasci naquela serra, num ranchinho beira chão, todo cheio de buraco, onde a lua faz clarão. Quando chega a madrugada, lá no mato a passarada, principia o baruião”” (“Tristeza do Jeca”).

É preciso que pessoas da cidade sintam e vivenciem tudo isso, mesmo que externamente e temporariamente, para que possam regressar ao cotidiano urbano com aprendizados e valores diferenciados. O turismo rural e ecológico tem essa tarefa. É necessário levar nossos alunos a conhecer essa realidade para que possam entender que o conhecimento parte da simplicidade e que a vida tem necessidades dessa simplicidade, para que projetem e planejem sua profissão, inclusive a de turismólogo, valorizando e defendendo que formas de vida tradicionais também são necessárias e não apenas a vida citadina e moderna. A universidade, de forma especial, a Geografia Agrária, Geografia do Turismo e Geografia Cultural, sobretudo através do Trabalho de Campo, têm essa função.

A função do conhecimento é preparar professores e alunos para que possam ser sensíveis e trabalhar em favor das causas camponesas, pois do alimento que vai desde o mais humilde lar até a mais bela sala de jantar de grandes empresários, inclusive os representantes na administração pública, vem do trabalho do pequeno produtor, já que as grandes propriedades produzem para exportação. Por que não (re)valorizar e (re)visitar essas paisagens e tradições?

4. Considerações Finais

É relevante destacar neste artigo, que os trabalhos atuais e as outras formas de renda das propriedades rurais não devem ser abandonados em razão do desenvolvimento da atividade turística, pois seu diferencial está diretamente ligado com as atividades cotidianas do homem caipira, considerando que o turismo pode ser sazonal. Na Microrregião Quirinópolis, os principais atrativos do meio rural, que poderão contribuir com o desenvolvimento de “Políticas Públicas voltadas para o Turismo”, estão localizados nas comunidades tradicionais, e como exemplo pode-se citar Salgado, Tocozinho, Córrego Capela, e nos espaços urbanos de Itaguaçu, Lagoa Santa, Paranaiguara, Quirinópolis e Gouvelândia com alguns saberes rurais presentes na gastronomia e culinária local.

O texto procurou aproximar a realidade vivida no campo, a partir, sobretudo, de observação em campo, com a arte de expressão dos modos de vida tradicionais. Desta forma, podemos compreender melhor o simbolismo expresso nas músicas caipiras que retratam o cotidiano e a

identidade do camponês. Entende-se, portanto, que as músicas caipiras denotam certo saudosismo, porém, carregado de amor e simplicidade do homem rural. São fiéis naquilo que deixam impregnados e nas mensagens que trazem aonde a interpretação e a contextualização destas músicas ajudam no desenvolvimento da sensibilidade e da compreensão da verdadeira realidade agrária e do homem e da mulher do campo.

O ensino, baseado em experiências significativas, como a interligação entre a teoria na sala de aula e a realidade vivenciada no campo, promove quebras de paradigmas, ao proporcionar aos alunos a observação de perto da relação das teorias na prática. A arte, como no caso, as músicas caipiras, se encarrega da sensibilização, que também ajudam a aproximar o homem e a mulher do meio urbano e rural, dos valores intrínsecos da causa camponesa. O turismo pode e deve ser visto, analisado e vivenciado desta forma, e não apenas como um instrumento mercadológico, por parte do gestor, ou como um momento de lazer desligado da simbologia que representa a essência do vivido expresso na paisagem, pela população e o ambiente local, por parte do turista.

Na formação do espaço vivido do meio rural da Microrregião Quirinópolis as pessoas foram estabelecendo cotidianamente suas relações sociais, nas tarefas desempenhadas, nas possibilidades e imposições. Dessa forma, os moradores rurais foram desenvolvendo seus modos de vida, seus patrimônios materiais e imateriais, presente na arquitetura, no artesanato, na culinária, na religiosidade, nos simbolismos, formando sua identidade e sua cultura. A partir desses elementos culturais, as paisagens desse município no interior de Goiás, tornam-se um lugar de vivência, sobrevivência e de interação de seus moradores com seu meio. Assim, as comunidades rurais foram dotadas de valores sociais a partir de uma construção histórica, formando uma paisagem sócio-cultural repleta de representações e conteúdos concretos e simbólicos.

Os simbolismos do meio rural da Microrregião Quirinópolis também compõem seu patrimônio imaterial, principalmente nas comunidades do Salgado e Córrego Capela. Eles constituem-se como manifestações das identidades da comunidade, existindo nesses lugares, várias cabeças de boi – um esqueleto de cabeça de gado que são colocados na frente das casas – os moradores acreditam que elas espantam mau-olhado e trazem fartura para as propriedades. Os cruzeiros também apresentam um forte símbolo para seus habitantes, ou seja, representam à religiosidade da comunidade e demarcam um lugar sagrado onde as pessoas se dirigem para fazer suas orações. As capelas locais foram adquirindo considerável importância, já que são espaços de orações e festas religiosas.

Preocupada com a possibilidade da redução, se não do desaparecimento, de paisagens rurais/culturais como estas apresentadas, a Geografia pode contribuir para o planejamento de um “fazer turismo” que interage turistas, receptores e gestores, de forma a oferecer respeito e benefícios mútuos, objetivando, além do lazer e descanso à pessoas de fora, também e sobretudo, a preservação de atividades tradicionais dos povos do Cerrado, oferecendo não apenas os seus produtos *in natura* e produtos com atributos turísticos, mas oferecendo, principalmente, seu modo de vida, no qual a música caipira, assim como a paisagem, são postas como espelhos dessa cultura.

4. Referências

- ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. 2ª Ed., São Paulo-Campinas: UNICAMP, 1998.
- CAVACO, C. Turismo rural e desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. 3ªed. São Paulo: Hucitec, 2000.
- CRUZ, R. De C. A. Da. **Introdução à Geografia do Turismo**. São Paulo: Roca, 2003.
- CUNHA, L. **Economia e Política do Turismo**. Lisboa (Portugal): Editorial Verbo, 2006.
- DIAS, Liz Cristina e SOBARZO, Oscar. A leitura do rural nas músicas caipiras. *In: Revista Formação* n. 9, v. 2, 2002
- DIEGUES, A. C. D. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo. Hucitec, 1998.
- MARRA, R. **Espeleo-Turismo: planejamento e manejo de cavernas**. Brasília (DF): Editora WD Ambiental, 2001.
- MENDONÇA, Marcelo Rodrigues e MESQUITA, Helena Angélica de. **O agro-hidro-negócio no cerrado goiano: a construção das (re)existências**, s.d. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/ceget/t24a.pdf> , acessado dia 14/12/2008.
- NOVAES, M. H. O desenvolvimento do turismo no espaço rural: considerações sobre o plano de Joinville – SC. In: ANSARAH, M. G. R. (org.) **Turismo: segmentação de mercado**. São Paulo: Futura, 1999.
- RODRIGUES, A. B. **Turismo eco-rural: interfaces entre o ecoturismo e o turismo rural**. In: Rield, M. et al (org). **Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**. Campinas, Papirus. 2000.
- SANTOS, Roosevelt José. Pesquisa Empírica e Trabalho de Campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. *In. Revista Sociedade & Natureza*, nº 11, janeiro/dezembro, 1999.
- SOUZA, Edevaldo Aparecido. **Desconstrução da obra “Paradigmas do capitalismo agrário em questão” de Ricardo Abramovay**. Presidente Prudente: UNESP, 2003.
- YAZIGI, Eduardo (Organizador). **Turismo e Paisagem**. São Paulo. Editora Contexto, 2002.